

TEÍSMO SEM CONTRADIÇÕES?

(Theism without contradictions?)

Carlos R. V. Cirne-Lima*

Resumo: A doutrina neotomista tradicional, retomando os argumentos de Tomás de Aquino, pretende demonstrar a existência necessária de Deus como sendo a primeira causa não-causada de toda a série de causas. Puntel retoma este argumento com maior clareza, distinguindo a totalidade do Ser – existente e possível – e, dentro dela, a subtotalidade do ser necessário (Deus) e a subtotalidade dos seres contingentes (mundo). Contra esta posição considera-se a existência de uma única totalidade omniabrangente e universalíssima, que em si é necessária e que engendra, dentro em si, subtotalidades contingentes. Ao invés de uma totalidade do Ser com duas subtotalidades, das quais uma é Deus, a outra, os seres criados, propõe-se uma única totalidade que é Deus e que engendra, dentro em si, as várias subtotalidades que são os seres contingentes. Ao invés do teísmo tradicional dos neotomistas, o panenteísmo dos místicos neoplatônicos.

Palavras-Chave: Existência de Deus, Neotomismo, Imanência, Transcendência, Panenteísmo.

Abstract: The traditional neo-Thomist doctrine, retaking Thomas Aquinas' arguments, intends to demonstrate God's necessary existence as being the first non-caused cause of the whole series of causes. Using this argument, Puntel clearly distinguishes the existing and possible wholeness of being and, within it, the subtotality of the

* Departamento de Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Artigo submetido a avaliação no dia 10/09/2008 e aprovado para publicação no dia 20/09/2008.

necessary being (God) and the subtotality of contingent beings (the world). Against this standpoint, the existence of a unique, universal and all-encompassing totality, which is in itself necessary and generates within itself contingent subtotalities, will be considered. Instead of a totality of the Being with its two subtotalities, God and the created beings, a unique totality is being proposed, that of God, which generates within itself all the other subtotalities that are the contingent beings. Therefore, instead of the traditional theism of the neo-Thomists, it is the panentheism of neo-Platonist mystics that is being proposed.

Keywords: **Existence of God, Neothomism, Imanence, Transcendence, Panentheism.**

Duas grandes guerras marcaram a primeira metade do século XX, a guerra fria entre leste comunista e ocidente americano-europeu moldou a segunda metade. Aí surgiram, encerrando um século e iniciando o seguinte, os fundamentalismos religiosos islâmicos, judaicos, protestantes e católicos. Ao invés de exércitos em uniforme de batalha, homens e agora também mulheres e crianças-bombas espalham morte e destruição em nome de um Deus que se diz misericordioso. Os conflitos aumentam, os fundamentalistas ficam cada vez mais religiosos, mais fanáticos, mais destrutivos. Isso na vida e na história real. Na Filosofia, Deus morreu antes. Na Filosofia, o século XX nasceu sob o impacto da destruição da Metafísica; Deus está morto, proclamou Nietzsche, a razão está em cacos. O positivismo lógico do Círculo de Viena, o atomismo de Bertrand Russell, a pluralidade dos jogos de linguagem de Wittgenstein e, não por último, as recorrentes desconstruções dos neonietzscheanos na França fizeram da Filosofia terra arrasada. Mesmo Jürgen Habermas, autor tão ilustrado, tão bem pensante, tão interessado em Ética e Política, afirma que estamos numa era pós-metafísica. Metafísica ou Filosofia Primeira, como queriam Aristóteles, os clássicos da Idade Média e do Idealismo Alemão, o vento do século a levou; sobrou como disciplina do antigo *corpus philosophicum* apenas a Ética, a doutrina sobre o dever-ser (*Sollen*). Todas as demais disciplinas, antes filosóficas, se é que sobreviveram, devem ser colocadas lado a lado com a Física, a Química, a Astronomia, a Biologia, a Linguística; lado a lado, em pé de igualdade, com a mesma dignidade e a mesma amplitude, afirma Habermas. Uma ciência universal que paire sobre as ciências particulares e as fundamente, é algo, embora belo, tão obsoleto como as roupagens rituais do papa e, no mundo civil, as carruagens puxadas por cavalos brancos à frente do Hotel Sacher, em Viena. Também o Deus de eras anteriores foi destronado e reduzido a mero produto da fértil imaginação humana; vivemos a era da secularização, diz até o católico Charles Taylor.

Onde a Filosofia recua, avançam os cientistas oriundos principalmente da Biologia e da Física. Os filósofos não ousam mais falar de Metafísica, de

Filosofia Primeira, mas os físicos aí estão a postular, a pesquisar e a construir uma *Unified Great Theory (GUT)* que deveria juntar numa só teoria válida para todo o universo a relatividade e a mecânica quântica. Mais. Eles falam abertamente e sem pejo de uma *Theory of Everything*, teoria sobre toda e qualquer coisa, ou seja, uma teoria geral do universo. Os físicos falam sem medo, escrevem sem maiores reservas, onde nós filósofos há mais de um século calamos. Mais audazes que os físicos são ainda os biólogos que, apoiados no neoplatonismo e neohegelianismo de Ludwig von Bertalanffy, elaboraram a Teoria Geral de Sistemas (*General System Theory*) como uma teoria geral do universo; em cima desta e com os mesmos pressupostos neoplatônicos surgem agora as Teorias da Complexidade, as teorias sobre *Artificial Life*, as teorias sobre sistema evolutivos complexos etc. Físicos e biólogos querem, sim, desenhar uma ciência que explique não apenas áreas particulares do saber, mas a totalidade do universo; eles estão fazendo Metafísica em plena era pós-metafísica. Metafísica com Deus? Ou sem Deus?

A intenção deste trabalho pode ser resumida em três perguntas bem breves: Há Metafísica? Com Deus? Sem Deus? Nas últimas trinta páginas de *Depois de Hegel* apresentei à crítica de meus leitores a proposta de um sistema evolutivo complexo ou, usando os termos antigos, uma Ontologia, uma Metafísica, uma *Theory of everything*. Não estou inventando novidades, faço apenas uma reconstrução sóbria e à medida do possível exata da Teoria de Sistemas entretecida com a Teoria da Evolução. O mesmo fizeram, antes de mim, no século XX, Bertalanffy, Maturana, Kapra, Kaufmann e muitos outros. Antes deles o fizeram Platão, Plotino, Proclo, Agostinho, Giordano Bruno, Nicolaus de Cues, Espinosa, Fichte, Schelling e Hegel. No século XX Teilhard de Chardin retomou o projeto neoplatônico e o executou nos quadros do cristianismo. Ao propor e defender uma teoria geral do universo, ainda que sob uma forma sempre evolutiva, continuo a propugnar por aquilo que antigamente se chamava de Metafísica ou, mais precisamente, Ontologia. Este projeto de sistema, eu o elaborei, publiquei em forma de livro e vou na medida do possível defender. Metafísica, em seu sentido clássico, inclui, entretanto, uma segunda questão muito importante: Existe Deus? O que é Deus? Sobre este segundo problema central de toda e qualquer Metafísica, mesmo em tempos pós-metafísicos, não há como o filósofo possa calar. Ou afirma Deus, algum Deus, ou nega todo e qualquer Deus; ou pretende ficar em silêncio. Mas mesmo o silêncio já é uma resposta, sim, uma resposta negativa. A relevância do problema está aí, às claras, em nosso panorama político e em nossa vida de intelectuais responsáveis, co-responsáveis no combate à irracionalidade dos fundamentalismos religiosos de nossa era.

Numa primeira parte exporei o argumento de Tomás de Aquino como ele se encontra na *quaestio secunda* do artigo 13 da primeira parte da *Summa Theologiae*; na segunda parte farei a reconstrução deste argumento de acordo com os elementos apresentados e em parte formalizados por Lorenz Puntel; na terceira parte desenvolvo considerações críticas que considero relevantes.

Tomás de Aquino, na segunda questão do artigo 13, pergunta simples e diretamente se Deus existe: *Utrum Deus sit*. É aqui que, a seguir, são apresentadas as *cinque viae*, os cinco argumentos que, segundo Tomás, provam filosoficamente a existência de Deus. Resumindo em palavras-chave as cinco provas, temos o seguinte quadro:

- 1) Existe movimento. Logo, existe algo que é movido. Ora, tudo que é movido é movido por um movente que lhe é anterior. Se este é também algo movido, pressupõe por sua vez um movente. E como a série não pode ser *ad infinitum*, é preciso aceitar a existência de um primeiro movente que é, em si, imóvel e que é o movente primeiro-último da série de moventes e movidos. Este primeiro movente não movido, eu – Tomás de Aquino – o chamo de Deus.
- 2) Existem causas e efeitos no mundo real. Logo, existe algo que é efeito. Ora, todo e qualquer efeito é causado por uma causa que é anterior ao efeito. Se esta causa, por sua vez, também é algo causado, ela pressupõe como anterior a ela uma causa que seja sua razão suficiente de existir ao invés de não existir. E como a série de causas não pode retroceder *ad infinitum*, é necessário que exista uma primeira causa não causada que é a primeira-última causa da série de causas e efeitos que vemos no mundo. Esta causa incausada, eu – Tomás – a chamo de Deus.
- 3) Existem seres contingentes no mundo real. Logo, existe algo que pode existir e pode não existir, mas que de fato existe. Ora o ser contingente, que pode existir, mas pode também não existir, se e enquanto de fato existe, exige uma razão suficiente para que exista ao invés de não existir. Logo, o ser contingente exige como condição última de sua possibilidade a existência de um ser que é necessário e não mais contingente. Este ser necessário, eu – Tomás – o chamo de Deus;
- 4) Existem perfeições no mundo real. Logo, existem alguns seres perfeitos. Mas, estas perfeições lhes vêm de fora, elas são causadas por uma primeira-última perfeição que fundamenta e dá início à série de perfeições finitas. Esta primeira-última perfeição, eu – Tomás – a chamo de Deus.
- 5) O mundo real apresenta-se como algo racionalmente ordenado. Logo, há ordem, razão e inteligência (neste sentido) no mundo. Ora, toda razão e inteligência pressupõem um fim primeiro-último que fundamenta e sustenta a série finita de razões e inteligências. Esta primeira-última inteligência, eu – Tomás – a chamo de Deus.

Percebe-se que Tomás, neste texto clássico, não se preocupa em determinar Deus de maneira mais expressa; ele fará isso em vários outros lugares igualmente clássicos. Para nossa contra-argumentação, no entanto, o que foi resumido acima é suficiente se acrescentarmos outro ponto central da doutrina tomista, a saber, a tese que afirma que Deus é substância simples.

O contra-argumento contra as demonstrações apresentadas por Tomás de Aquino e, depois dele, por quase todos os autores neotomistas refere-se ao conceito do ato livre no qual e pelo qual Deus decide livremente criar o mundo. Tanto a simplicidade da substância de Deus como a criação livre de um mundo contingente e finito fazem parte do núcleo duro da filosofia de Tomás e do neotomismo contemporâneo. Não se pode negar, dizem, nem a simplicidade do ser necessário nem a liberdade de sua opção por criar um mundo contingente.

Ora, o ato no qual e pelo qual Deus decide livremente criar o mundo – ele teria a opção de não tê-lo criado – é algo interno ou algo externo a Deus? Se a decisão de criar o mundo fosse um ato externo a Deus, Deus não teria criado livremente o mundo; o ato do qual o mundo provém causalmente seria algo exterior a Deus, algo como um demiurgo, um Deus de segunda ordem. Mas Deus, o Deus que é substância simples, não seria mais o criador do mundo; o ato livre de criar lhe seria externo. – Se, invertendo a questão, pensamos o contrário e dizemos que o ato livre de criar o mundo é interno a Deus, então este ato deixa de ser livre. Pois a substância divina é simples e necessária. O que é interno a Deus é, por isso mesmo, simples e necessário; não há aí espaço para optar livremente entre criar ou não criar o mundo. A noção de substância simples e de ser necessário – ambos pontos fundamentais para o conceito de Deus de Tomás de Aquino – entram sempre em contradição com o ato livre de criar ou não criar o mundo.

Tomistas contemporâneos procuram fugir da objeção acima exposta distinguindo uma ação de Deus “para dentro” de uma ação de Deus “para fora”. O ato livre pelo qual Deus cria o mundo seria, então, necessário “para dentro”, contingente “para fora”. Essa distinção, entretanto, destrói de forma cruel a simplicidade da substância de Deus. Deus ficaria, nessa concepção, uma substância subjacente a diversos “acidentes” que podem, mas não precisam ocorrer. E é exatamente isto que Tomás não quer.

Este impasse que encontramos nas demonstrações para provar a existência de Deus, todos o conhecemos; estamos familiarizados com a questão e com as muitas tentativas, aliás frustradas, de resposta. É por isso que merece consideração especial a construção articulada por Lorenz Puntel, que foge do esquema tradicional e apresenta novas facetas à argumentação e à contra-argumentação¹.

¹ PUNTEL, Lorenz B. A totalidade do ser, o Absoluto e o tema ‘Deus’: um capítulo de uma nova metafísica, in IMAGUIRE, Guido; ALMEIDA, Custódio Luís; OLIVEIRA, Manfredo Araújo de (orgs.). *Metafísica contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 191-222.

II

Lorenz Puntel põe como idéia fundamental de sua teoria a totalidade do Ser e sua explicação. Esta, diz ele com todas as letras, é uma nova posição sistemática. Os argumentos tomistas, antes expostos, pecam por estarem orientados particularisticamente, “no sentido de que eles partem cada vez de um fenômeno particular ou de um fator não suficientemente universal e com base nisto levantam uma espécie de construção metafísica” (199). Eles articulam “pontos” dentro da totalidade e esta fica esquecida. “Justamente essa falha fundamental deve ser corrigida através da nova posição metafísica na totalidade do Ser” (200). – Seja-me permitido antecipar: até aqui concordo plenamente com Puntel.

O que é esta nova totalidade do Ser? Puntel define a totalidade do Ser a partir da totalidade do universo do discurso (*universe of discourse*). O discurso, principalmente o discurso da Filosofia, é um discurso universal, totalmente ilimitado. O universo do ser é co-extensivo ao universo do discurso. Tudo aquilo que é ou é possível no universo do Ser também é ou é possível no universo do discurso; e vice versa. Ambos os universos são ilimitados. Mas o dualismo que Kant põe entre ambos os universos não pode nem deve ser mantido; não estamos operando apenas com uma idéia regulativa à qual se opõe o mundo objetivo. Não, a totalidade do ser é um “dado”, ela possui “dignidade metafísica” (202), “ela é um elemento integrante da estrutura e do status ontológico de nosso pensamento” (202), ela é “o fato originário da nossa razão” (202). – Continuo de acordo com Puntel.

Esta totalidade do Ser apresenta formas e degraus diversos. Há uma explicação da totalidade a) puramente científico-formal; b) científico-empírica; c) filosófica (205). A explicação filosófica pode ser: a) metafísico-especial (filosofia da mente, filosofia social etc.); b) metafísico-abrangente, como por exemplo o problema de Deus (206).

O autor desdobra sua argumentação sobre a totalidade do Ser e, dentro desta, sobre a existência de Deus em quatro grandes passos que, por serem extremamente claros, podemos reconstruir e criticar.

1) Primeiro passo da demonstração: “A captação (ou consciência) da totalidade do Ser é dada com a natureza e a estrutura do espírito humano” (2007). Na nota ao pé da página, nota 4, Puntel escreve: “Sem dúvida emerge aqui um grande problema. Todo discurso acerca da totalidade parece estar marcado por problemas lógicos insuperáveis, como afirma ter demonstrado Grim 1991. Contudo, não se pode tratar desta questão aqui. Veja-se sobre isso a muito interessante discussão entre o filósofo / teólogo A. Plantinga e o lógico P. Grim (PLANTINGA / GRIM, 1993)” (208). – Eu, Cirne-Lima, acrescento aqui: veja-se também SCHNEIDER, C. *Totalidades: um problema lógico-metafísico?* in: G. IMAGUIRE, C. ALMEIDA, M. OLIVEIRA, *Metafísica*,

Petrópolis: Vozes, 2007, p.123-134. – Eu, Cirne-Lima, até aqui continuo totalmente de acordo.

2) Segundo passo da demonstração: “A totalidade do Ser ou a totalidade de todos os entes (coisas) consiste numa dimensão absoluta (ou absolutamente necessária) e numa dimensão não-absoluta, isto é contingente” (208). Após esclarecimentos sobre os conceitos de “absoluto”, “necessário”, “absolutamente necessário” e considerações gerais sobre modalidades, Puntel passa à demonstração deste segundo passo que é, como ele mesmo diz, decisivo. – Eu, Cirne-Lima, agora discordo.

Para maior clareza, os seis sub-passos da demonstração são aqui retomados e resumidos.

1. “Se somente existissem entes (coisas) contingentes, então também a totalidade dos entes, a totalidade do Ser, seria contingente. Tal afirmação parece ser imediatamente evidente: na verdade (o conceito) ‘totalidade do Ser’ pertence a outra categoria que (os conceitos dos) entes/coisas. Mas se a totalidade do Ser consta exclusivamente de entes que possuem justamente em relação a seu ser um caráter contingente, então a totalidade do Ser não teria outro (justamente necessário) caráter” (210). O autor articula o mesmo argumento de maneira negativa: “Se alguém, contudo, pretender, de um lado, defender a tese de que todos os entes/coisas são contingentes e, de outro lado, a tese de que a totalidade do Ser tem um caráter necessário, então ele teria que explicar como há ou pode haver) de forma coerente entes contingentes que, exclusivamente, constituiriam uma totalidade não-contingente” (210). – Eu, Cirne-Lima, discordo, como exporei mais abaixo.
2. “Se também a totalidade dos “entes/coisas”, a totalidade do Ser, fosse contingente, então poderia ter sido que nem a totalidade do Ser nem qualquer “ente/coisa” tivessem chegado ao Ser; por outras palavras, ter-se-ia que aceitar a possibilidade do *nihilum absolutum*” (210). – Eu, Cirne-Lima, de acordo com Puntel sobre a impossibilidade de um *nihilum absolutum*.
3. “Implica a tese de que tudo é contingente a aceitação da possibilidade do *nihilum absolutum*, então ela implica, com isto, igualmente uma outra tese, a saber, que os entes (“coisas”) tivessem podido ‘entrar’, passar para o (para a dimensão do) Ser a partir do (da dimensão do) *nihilum absolutum* – respectivamente, que de fato entraram/passaram, já que há entes/coisas ‘existentes’” (210). – Eu, Cirne-Lima, concordo com o autor quanto a este item 3.
4. “A idéia de uma ‘passagem’ da dimensão do *nihilum absolutum* para a dimensão do Ser é simplesmente uma idéia absurda: do nada absolutamente nada ‘vem’ ou ‘acontece’, do absolutamente nada, nada ‘sai’ e ‘entra’ no ‘espaço’ do Ser”. – Eu, Cirne-Lima, totalmente de acordo.

5. “Já que a tese de que tudo é contingente implica uma consequência absurda, segue-se daqui que tudo não é contingente, isto é, que há uma dimensão absolutamente necessária” (210). – Eu, Cirne-Lima, parcialmente de acordo.

6. “Já que é um fato de que há ‘entes/coisas’ contingentes, deve-se concluir a partir dos passos até agora apresentados que a totalidade do Ser deve ser compreendida como repartida em duas dimensões, como sendo duplamente dimensional: enquanto consistindo de uma dimensão absolutamente necessária e de uma dimensão contingente” (211). – Eu, Cirne-Lima discordo, cf. mais abaixo.

Puntel resume os quatro passos de forma clara e incisiva. “Pode-se expor o cerne da argumentação resumindo: Se tudo (todos os entes) fossem contingentes, então ter-se-ia que aceitar a possibilidade do *nihilum absolutum*. Ora, o *nihilum absolutum* não é possível. Logo, todos os seres não são contingentes, dito de outro modo: então a totalidade do ser não é somente qualificada pela característica da contingência” (211).

III

A argumentação do autor nos apresenta um grande universo, a totalidade do Ser, e dentro dele, como “dimensões” ao menos um ser absolutamente necessário e a totalidade de seres/coisas contingentes. Puntel trabalha, a rigor, com a grande e omni-abrangente totalidade do Ser e, dentro dela, com uma subtotalidade que é o ente necessário e uma segunda subtotalidade que é a totalidade dos entes contingentes. Puntel precisa, para montar o argumento, distinguir estas três totalidades, ou melhor, uma totalidade que é realmente universal e duas subtotalidades que não são mais universais. Nem uma nem a outra é universal e omni-abrangente. Aqui se encontra, em minha opinião, o ponto exato em que discordo de Puntel.

Começamos, no entanto, com o problema que considero o mais importantes e sobre o qual o autor e eu estamos completamente de acordo: a totalidade universal e omni-abrangente do Ser. Se algo é ou existe, então é necessário que haja uma totalidade realmente universalíssima. Sobre este ponto, que é da maior relevância, a maioria dos autores contemporâneos, quando não silencia, diverge; a própria noção de totalidade implicaria antinomias lógicas insolúveis. Puntel e eu com ele concordamos e defendemos ambos a necessária aceitação da totalidade universal e omni-abrangente do Ser. Este primeiro passo do argumento está correto e é válido; este é o começo de toda Metafísica.

Puntel, a partir do *nihilum absolutum* formalizou a prova de maneira elegante à página 216.

A discordância entre a tese do autor e a minha posição diz respeito à construção elaborada em forma triádica: dentro da totalidade realmente universal do Ser há duas subtotalidades, a do ente necessário e a dos entes contingentes. Em minha terminologia a formulação seria a seguinte: Há, segundo Puntel, um grande sistema universal e omni-abrangente e, dentro dele, dois subsistemas, que ele chama de “dimensões”, o subsistema do ente necessário e o subsistema dos entes contingentes. Ora, há aqui evidentemente uma multiplicação desnecessária e equivocada de entidades: Não é necessário distinguir e separar a totalidade universalíssima do Ser da totalidade do ente necessário. Por quê? Para quê?

Neste exato ponto do sistema eu introduzo a Teoria de Sistemas, que presta contas da totalidade e das subtotalidades, e a Teoria da Evolução, que engendra as subtotalidades e as ordena dentro da grande e universal totalidade. Penso que há, pois, um grande sistema universalíssimo, que é idêntico à totalidade do Ser de Puntel, e que este sistema engendra dentro em si subsistemas que são os entes contingentes. O sistema, a grande totalidade, é o todo, os subsistemas contingentes são partes integrantes deste todo. O todo enquanto todo é necessário, suas partes são contingentes. Os entes/coisas contingentes de Puntel em meu projeto de sistema são subsistemas engendrados dentro do todo universal; o todo, o grande sistema realmente universal do Ser, faz nascer os subsistemas contingentes e finitos como partes dentro dele.

Qual a diferença? Puntel trabalha com três elementos: a) a totalidade do Ser; b) o ente necessário; c) a totalidade dos entes contingentes. Eu, Cirne-Lima, trabalho só com o primeiro e a terceiro elemento. Mas estas diferenças, que são profundas, vão muito mais ao âmago e convém explicitá-las da forma mais clara. Três pontos fundamentais no pano de fundo em que Puntel e eu discordamos:

1) Anos atrás, a pedido da *Deutsche Gesellschaft für Philosophie*, Puntel elaborou um parecer sobre a Teoria de sistemas. A Teoria de sistemas, segundo ele, é tão vaga, inexata e superficial que não merece apoio acadêmico; além do que, ela como teoria é falsa. Este é um dos motivos por que Puntel não consegue pensar a totalidade com suas duas subtotalidades de forma adequada. – Considero a Teoria de sistemas como uma das mais importantes teorias neoplatônicas do século XX. Sei dos abusos, conheço a extrema fragilidade de muitos de seus defensores; acho lastimável que uma teoria tão importante tenha sido relegada ao estatuto de baixa vulgarização e até de literatura de auto-ajuda. Mas insisto na importância e na exatidão da Teoria de sistemas, se e quando corretamente exposta. Remeto às páginas 156-178 de *Depois de Hegel*. A Teoria de sistemas, para mim, é a forma contemporânea da doutrina neoplatônica sobre o Múltiplo e o Uno.

2) Puntel ignora completamente a Teoria da Evolução, pelo menos enquanto elemento importante no quadro de uma nova Metafísica. O sistema, em Puntel, fica por isso mesmo sem o indispensável dinamismo interno. A única força motora parece ser a vontade criadora do ente necessário, Deus. – Em meu projeto de sistema a Teoria da Evolução – combinada com a Teoria de sistemas – exerce a função de engendrar todos os subsistemas contingentes que existem dentro da totalidade do Ser. O Ser, enquanto é o todo, é necessário e imóvel “ad extra”, já porque não há nada fora do grande sistema universal e omni-abrangente. O Ser, para dentro, é o sistema universal que está sempre a engendrar novos subsistemas dentro dele, que por vez engendram subsistemas de subsistemas. Tudo organizado pela Lei da Identidade coerente, também chamada Lei de seleção natural.

3) Puntel sobre a questão do todo e da parte escreve: “A expressão ‘todo’ respectivamente ‘totalidade’ possui conotação, fortemente naturalizada, de ‘parte(s)’. Se se quiser considerar esta conotação obrigatória, então se reduz ‘tudo/totalidade’ a uma soma de partes. Como se mostrará, a totalidade do Ser não pode ser concebida como uma soma de entes enquanto partes. Nesta perspectiva, estas expressões não são adequadas. Mas a conotação para ‘soma’ não é nem a única nem também a mais importante conotação de ‘todo/totalidade’, pelo menos enquanto estas expressões são filosoficamente entendidas e, a saber, em conexão com o Ser. Mostrar isso é a tarefa da explicação da totalidade do Ser empreendida aqui”. – Em minha opinião Puntel não conseguiu mostrar o que queria, pois a totalidade do Ser que ele defende contém duas dimensões que não são idênticas à própria, primeira e única totalidade. Eu diria que o grande sistema universal é a totalidade universal e omni-abrangente; isso para mim é o todo. Este grande sistema engendra e contém, sim, dentro dele, partes contingentes, que são subsistemas. Para que um *tertium quid*? É exatamente por isso que o todo não é apenas a soma de suas partes; é por isso que o todo é necessário e suas partes são contingentes.

Marcadas as diferenças que separam as teses de Puntel de minhas convicções filosóficas, resta-nos tomar consciência que mergulhamos fundo na nova e sempre antiga Primeira Filosofia. Estamos com as considerações acima no núcleo duro da doutrina não-escrita de Platão, a doutrina para os de dentro, a doutrina para os iniciados. Estamos na segunda navegação em seu mais elevado sentido. Há um grande sistema universal e omni-abrangente, que é o todo. Este sistema, por força da tensão dialética, tem que ser simultaneamente uno e trino, ou seja, configurado em tese, antítese e síntese. O sistema universal, uno e trino. Platão tem razão, no *Timeu*, quando diz que o sistema universal é vida, é inteligência. Ora, tese, antítese e síntese, então, só podem ser *phílesis*, *antiphílesis* e *philía*. Uma totalidade em três relações que se constituem sem romper a unidade e unicidade do sistema universal. *Philía*, entretanto, é um bem, *bonum*, e todo bem é difusivo:

bonum diffusivum sui. E é por isso que o sistema engendra subsistemas contingentes dentro em si. Esta a doutrina não-escrita, a doutrina para os de dentro.

Para os de fora, para os iniciantes, na terminologia da doutrina exotérica, surgem, então, os mitos, as lendas, os deuses, o deus, a criação etc. Assim nascem as religiões.

Endereço do Autor:

Rua Botafogo, 1212 - Apto. 1904
90150-052 *Porto Alegre* - RS
cirne@vanet.com.br